



Atuação do Psicólogo Hospitalar em Contexto de Cuidados Paliativos na Oncopediatria

The Role of the Hospital Psychologist in the Context of Palliative Care in Pediatric Oncology

El papel del psicólogo hospitalario en el contexto de los cuidados paliativos en oncología pediátrica

Lauana de Medeiros Brandão¹; Ana Clara Araújo Araripe²; Ingrid de Oliveira Carvalho³; Maria Clara Alcântara de Sousa⁴; Matheus da Costa Almendra⁵; Victória Lorrany Alencar da Costa⁶

RESUMO

O câncer infantil representa a primeira causa de morte por doença (8% do total) entre crianças e adolescentes no Brasil, com uma estimativa de 7.930 casos anuais para o triênio 2022-2025. O diagnóstico impõe mudanças significativas na estrutura familiar e exige a atuação crucial do psicólogo hospitalar, especialmente em Cuidados Paliativos (CP), que visam o alívio do sofrimento e a qualidade de vida integral nas dimensões social, psicológica, espiritual e física. O estudo, de caráter bibliográfico, descritivo e qualitativo, analisou 30 artigos publicados entre 2016 e 2025 nas plataformas Scielo, Pepsic, BVS e revistas associadas à área da Psicologia para compreender o trabalho do psicólogo hospitalar no suporte aos pacientes, familiares e equipe médica em cuidados paliativos oncopediátricos, com o objetivo de mitigar danos psíquicos e fortalecer estratégias de enfrentamento. Os achados indicam que a prática se fundamenta no saber biopsicossocial e na atuação interdisciplinar. As estratégias centrais utilizam recursos lúdicos, como brincar, desenhos e narrativas, adaptados à faixa etária e fase do adoecimento, essenciais para a expressão das emoções e criação de vínculos. A comunicação clara é primordial, com o Protocolo SPIKES sendo um guia para a transmissão de más notícias. O psicólogo também oferece suporte vital à equipe de saúde, prevenindo o desgaste emocional e o esgotamento profissional. Conclui-se que a intervenção deve ser humanizada e adaptada, focando na preservação da autonomia e dignidade do paciente, e oferecendo estratégias de enfrentamento para a tríade.

Palavras-chave: Psicologia hospitalar; Cuidados paliativos; Oncopediatria; Finitude; Triade

Correspondência
luanabr@gmail.com

Direitos autorais:

Copyright © 2026 Luana de Medeiros Brandão; Ana Clara Araújo Araripe; Ingrid de Oliveira Carvalho; Maria Clara Alcântara de Sousa; Matheus da Costa Almendra; Victória Lorrany Alencar da Costa

Licença:

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY-SA

Submetido:

01/01/2026

Aprovado:

24/01/2026

ISSN:

2966-1218

ABSTRACT

Childhood cancer represents the leading cause of death by disease (8% of the total) among children and adolescents in Brazil, with an estimated 7,930 new annual cases projected for the 2022-2025 triennium. This diagnosis imposes significant changes on the family structure and demands the crucial intervention of the hospital psychologist, particularly in Palliative Care (PC), which aims to alleviate suffering and promote holistic quality of life across social, psychological, spiritual, and physical dimensions. This descriptive and qualitative bibliographical study analyzed 30 articles published between 2016 and 2025 across platforms such as Scielo, Pepsic, BVS, and associated Psychology journals to understand the hospital psychologist's role in supporting patients, families, and the medical team in pediatric oncological palliative care. The goal was to mitigate psychological harm and strengthen coping strategies. Findings indicate that the practice is grounded in biopsychosocial knowledge and interdisciplinary action. Central strategies utilize playful resources (e.g., play, drawings, and narratives), adapted to the age and phase of the illness, essential for emotional expression and rapport building. Clear communication is paramount, with the SPIKES Protocol serving as a guide for conveying bad news. The psychologist also offers vital support to the healthcare team, preventing emotional distress and professional exhaustion. Conclusion: the intervention must be humanized and adapted, focusing on preserving the patient's autonomy and dignity, while offering coping strategies for the entire triad.

Keywords: Hospital psychology; Palliative care; Pediatric oncology; End-of-life care; Triad.

RESUMEN

El cáncer infantil es la principal causa de muerte por enfermedad (8% del total) entre niños y adolescentes en Brasil, con un estimado de 7.930 casos anuales para el trienio 2022-2025. El diagnóstico impone cambios significativos en la estructura familiar y exige el papel crucial del psicólogo hospitalario, especialmente en Cuidados Paliativos (CP), que tiene como objetivo aliviar el sufrimiento y mejorar la calidad de vida general en las dimensiones social, psicológica, espiritual y física. Este estudio bibliográfico, descriptivo y cualitativo analizó 30 artículos publicados entre 2016 y 2025 en las plataformas Scielo, Pepsic, BVS y revistas asociadas con el campo de la Psicología para comprender el trabajo del psicólogo hospitalario en el apoyo a pacientes, familias y el equipo médico en cuidados paliativos oncológicos pediátricos, con el objetivo de mitigar el daño psicológico y fortalecer las estrategias de afrontamiento. Los hallazgos indican que la práctica se basa en el conocimiento biopsicosocial y la acción interdisciplinaria. Las estrategias centrales utilizan recursos lúdicos, como juegos, dibujos y narraciones, adaptados a la edad y la etapa de la enfermedad, esenciales para la expresión de emociones y la creación de vínculos. La comunicación clara es fundamental, y el Protocolo SPIKES sirve de guía para dar malas noticias. El psicólogo también ofrece un apoyo vital al equipo de atención médica, previniendo el agotamiento emocional y el desgaste profesional. En conclusión, la intervención debe ser humanizada y adaptada, centrándose en preservar la autonomía y la dignidad del paciente, y ofreciendo estrategias de afrontamiento para la tríada.

Palabras clave: Psicología hospitalaria. Cuidados paliativos. Oncología pediátrica. Cuidados paliativos. Triada.

Introdução

O câncer é uma doença que acomete pessoas de todas as idades em todo o mundo, trazendo consigo muita preocupação por ser uma doença associada diretamente a tratamentos exaustivos e diversos efeitos colaterais, como queda de cabelo, dores, perda de peso e, em casos extremos, o óbito do paciente. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), ‘câncer’ significa um conjunto de mais de 100 doenças, que são caracterizadas pelo crescimento desorganizado de células que possuem a capacidade de invadir tecidos e órgãos próximos (INCA, 2022).

Relacionar o câncer ao mundo infantil é uma associação improvável e tarefa dolorosa, mas é importante fazer o recorte destes dados para que seja tomada a proporção devida ao tema. Ainda dentro de pesquisas do INCA (2022), a estimativa para o triênio 2022 a 2025 é o registro de, aproximadamente, 7.930 casos por ano em crianças e adolescentes de até 19 anos, sendo o tipo mais comum, a leucemia. Segundo a mesma instituição, a estimativa mais atualizada para a população geral é de 704 mil casos até 2025.

A representação social do câncer está mais associada ao público adulto, sobretudo no que diz respeito à ideia de “ordem natural da vida”, segundo a qual as crianças devem passar pelas etapas do desenvolvimento humano. Quando a doença aparece no seio familiar, muitas emoções vêm à tona. Oliveira (2021) destaca que o diagnóstico de câncer em crianças, por si só, já

impõe significativas mudanças na estrutura familiar. A vida da criança sofre um impacto transformador em múltiplos níveis, marcando o início de um trajeto permeado por desafios e pela vivência de diversas emoções. Além do fato de que, muito possivelmente, clínicas e hospitais vão ter que fazer parte de todas as etapas do tratamento, que pode durar meses ou anos. Uma combinação de múltiplos sentimentos e significativas mudanças.

O ambiente hospitalar é permeado de vivências que envolvem dores físicas e fragilidade emocional. Quando os pacientes são do público infantil, o olhar integral da saúde precisa estar ainda mais preparado para acolher as demandas com abordagem humanizada e interprofissional¹. Brum e Aquino (2016) reforçam o desgaste físico e mental gerado pela internação de crianças com câncer, acentuado pelo afastamento dos pais, o que interrompe um vínculo essencial para o desenvolvimento infantil. A complexidade do cenário hospitalar ainda se manifesta na necessidade de manter a rotina escolar, na aplicação do brincar como ferramenta terapêutica para a expressão de sentimentos e no desafio do manejo de sintomas para aliviar o desconforto.

A atuação do psicólogo hospitalar é de extrema importância, principalmente em contextos de oncologia e cuidados paliativos. A presença desse profissional, tanto para pacientes quanto para suas famílias, oferece um suporte

¹ Reflexão mútua sobre os papéis profissionais, sendo essencial nos processos de tomada de decisão e resolução de problemas a partir de uma construção dialógica de conhecimentos, respeitando as singularidades e a diversidade dos núcleos de saberes e práticas inerentes aos distintos profissionais.

crucial para as subjetividades envolvidas, desde o momento da admissão até a elaboração do luto.

Para auxiliar nesse processo, o psicólogo pode empregar diversas práticas, tais como: a psicoeducação sobre o processo da doença e reações emocionais; a comunicação de más notícias, com o uso de protocolos adaptados à pediatria, como o SPIKES², assim como o manejo da ansiedade e da dor; a intervenção centrada na família (individualmente ou em grupo); e o suporte à equipe multidisciplinar, prevenindo o esgotamento profissional.

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA), no Brasil, o câncer já representa a primeira causa de morte (8% do total) por doença entre crianças e adolescentes de 1 a 19 anos (INCA, 2022). Tendo em vista a necessidade de um cuidado específico para este público e seus familiares, Bernardes e Pegoraro (2022) afirmam que, diante do impacto causado pela chegada desta doença e do que é necessário para o seu tratamento, o trabalho do psicólogo hospitalar também é voltada para o restante da família. Caso existam irmãos, o contexto também provocará alterações familiares, na rotina, na forma de lidar com o adoecimento daquele ente querido, dentre outras questões.

“Os cuidados paliativos, segundo o INCA, são uma forma de alívio do sofrimento e da dor que o indivíduo possa vir a sentir diante da sua doença e de oferecer maior qualidade de vida. Com esses cuidados serão atendidas todas as áreas que compõem o indivíduo sendo elas: social, psicológica, espiritual e física. Como a psicologia é uma das áreas que será atendida, entra-se com o profissional da psicologia.” (Silva e Wilvert, 2021, p.1).

² S de Setting, preparar o ambiente; P de Perception, da percepção que o paciente tem da sua doença; I de Invitation, do convite ao paciente para entender o quanto ele quer saber; K de Knowledge, que é conhecimento, compartilhar a informação; E de Empathy, que fala da empatia para responder aos sentimentos do paciente; S de Strategy/Summary, que significa combinar o planejamento terapêutico do paciente.

Vale ressaltar que o tratamento oncológico em crianças é algo que, naturalmente, afeta a qualidade de vida do paciente e traz consigo muitas incertezas e vulnerabilidade à família. Aspectos esses que precisam ser tratados de acordo com preceitos médicos, mas, especialmente, com o acompanhamento psicológico.

Simonetti (2018) traduz essa passagem em sua obra, afirmando que os cuidados médicos oncopediátricos, sem dúvidas, ficam a critério da equipe médica, porém o psicólogo trabalha de forma integrada, ou seja, interprofissional, com objetivo de mediar a aceitação e a disposição para enfrentar tal circunstância, a fim de amenizar as feridas emocionais que aquele momento acarreta.

De acordo com Guedes *et al.* (2019), a colaboração interdisciplinar é fundamental em todas as fases do adoecimento, desde o diagnóstico até o tratamento e o luto pós-óbito, pois isso fortalece o vínculo terapêutico e a confiança na tríade paciente-família-equipe. Desafios institucionais como, a escassez de recursos, a sobrecarga laboral e o impacto emocional decorrente de perdas frequentes, podem comprometer a saúde mental dos profissionais, evidenciando a necessidade de estratégias de suporte psicológico à própria equipe.

O objetivo geral deste estudo é compreender a atuação do psicólogo hospitalar no suporte aos pacientes, familiares e equipe médica em cuidados paliativos oncopediátricos, visando à atenuação de danos psíquicos e ao

fortalecimento de estratégias de enfrentamento. Para isso, os objetivos específicos buscam identificar as formas de manejo do sofrimento emocional em pacientes e familiares, explorar a atuação do profissional junto à equipe médica em contextos de finitude e discutir os desafios e estratégias para uma prática mais humanizada.

Como problema de pesquisa, se faz necessário uma análise mais estruturada da importância da presença do psicólogo hospitalar, frente a tríade paciente-família-equipe em contexto de cuidados paliativos do câncer infantil, analisando qual a eficácia, os desafios e as principais técnicas utilizadas. A pergunta-problema é: De que forma a intervenção do psicólogo hospitalar deve se apresentar para oferecer suporte à criança na compreensão de sua doença e finitude, auxiliar a família no enfrentamento do processo de luto e mitigar os impactos emocionais vivenciados pela equipe médica em relação às perdas?

Métodologia

A presente pesquisa adotará uma metodologia do tipo bibliográfica, de caráter descritivo, com uma abordagem qualitativa. A análise de conteúdo foi realizada por meio de artigos científicos e dissertações acadêmicas relevantes para o tema.

Conforme Cavalcante e Oliveira (2020), a pesquisa bibliográfica baseia-se no levantamento e análise de produções acadêmicas já publicadas. Utiliza livros, artigos, dissertações e teses como

principais fontes. Não envolve investigação direta dos fenômenos empíricos.

A delimitação temporal da pesquisa abrangeu o período dos últimos nove anos, incluindo publicações de 2016 a 2025, a fim de garantir a pertinência e a atualidade do referencial teórico. Para a identificação de materiais coerentes, foram utilizados os seguintes descritores em bases de dados e catálogos: psicólogo hospitalar, cuidados paliativos, câncer, oncopediatria, câncer infantil, luto.

A busca foi realizada em fontes como: SciELO, Pepsic, BVS e revistas associadas à área da Psicologia. Os artigos publicados em português, com temas ligados ao assunto delimitado que tenham sido publicados nos últimos 10 anos, no idioma Português, foram incluídos na pesquisa. Nesta segmentação foram encontradas 153 publicações. Assim, aqueles que não correspondem ao tópico proposto, com data acima de 10 anos e em idiomas que não sejam o Português (Brasil), foram excluídos.

No decorrer da pesquisa, houve dificuldade em encontrar materiais nacionais publicados nos últimos 5 anos, que abordassem a intersecção específica entre Psicologia hospitalar, Cuidados Paliativos e Oncopediatria

Resultados e Discussão

Esta seção apresenta a análise e a discussão dos achados obtidos na presente revisão bibliográfica. Após a aplicação dos critérios metodológicos, foram selecionados 30 artigos, publicados entre 2016 e 2025. A seleção priorizou estudos que abordam a atuação do

psicólogo hospitalar na oncopediatria em Cuidados Paliativos. A análise comparativa desses dados permitiu a identificação de categorias temáticas, consolidando o conhecimento necessário para responder à questão norteadora e discutir as estratégias e desafios dos profissionais citados.

Tabela 1: Relação dos autores analisados como os principais resultados no tópico: História e conceitos da Psicologia Hospitalar.

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	RESULTADOS
Azevedo e Crepaldi (2019)	A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos	Investigar a influência da Psicologia no contexto hospitalar nos EUA	<ul style="list-style-type: none"> ● Inserção da Psicologia nos EUA, no contexto hospitalar no Pós Segunda Guerra Mundial ● Veteranos da Segunda Guerra com psicopatologias
Borges (2021)	<i>História e conceitos da Psicologia Hospitalar</i>	Investigar a história da Psicologia Hospitalar no Brasil	<ul style="list-style-type: none"> ● Importância da Lei nº 10.216/2016 ● Escuta especializada como ferramenta de mediação ● Acolhimento e humanização diante do atendimento na finitude ● Desafios emocionais para equipe da oncopediatria
Gonçalves (2021)	Psicologia hospitalar: contribuições e desafios no tratamento de pacientes com doenças crônicas.	Investigar os marcos da trajetória da Psicologia Hospitalar no Brasil	<ul style="list-style-type: none"> ● Regulamentação da Psicologia Hospitalar como especialidade em 2000 por meio da Resolução nº 014/00 ● Atuação interdisciplinar da Psicologia Hospitalar ● Atividades preventivas, educativas e de suporte ● Foco na autonomia do paciente, sigilo e registro ético

Fonte: De Autoria própria (2025)

A análise comparativa dos autores referenciados na fundação da Psicologia Hospitalar revela uma evolução conceitual que transita de uma resposta clínica pontual a um modelo sistêmico de cuidado integral. Azevedo e Crepaldi (2016) situam a consolidação internacional da especialidade no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, onde a necessidade das intervenções especializadas era ditada pelas manifestações psicopatológicas significativas apresentadas pelos veteranos. Esta constatação estabelece que a inserção inicial da Psicologia em hospitais foi, primariamente, uma resposta à demanda aguda e visível de trauma psíquico grave.

Em contraste com essa origem balizada pela resposta a traumas de guerra, o estabelecimento da prática no Brasil, remonta à década de 1950, e foi resultado da iniciativa pioneira de profissionais como Mathilde Neder, Aidyl M. de Queiroz Péres Ramos, Tereza Pontual de Lemos Mettel e Célia Lana da Costa Zannon. O trabalho delas demarca a fundação da Psicologia Hospitalar brasileira como um campo de conhecimento e prática profissional de desenvolvimento autônomo, em paralelo e não necessariamente dependente da motivação bélica internacional.

O progresso da área foi substancialmente impulsionado, como observam Assis e Figueiredo (2019), pelo surgimento da Psicologia da Saúde nos anos 1970. A constatação fundamental desse período é a consolidação de uma concepção de saúde desvinculada e autônoma em relação à

doença, um achado que permitiu a ampliação das áreas de intervenção do psicólogo. Ao reforçar a distinção entre transtornos orgânicos e psicológicos, Assis e Figueiredo (2019) evidenciam um avanço paradigmático que desloca a Psicologia Hospitalar do tratamento exclusivo dos efeitos da doença para a promoção ativa da saúde e do bem-estar.

A formalização da especialidade é outro ponto de convergência de resultados. Gonçalves (2021) relata que a regulamentação pelo Conselho Federal de Psicologia em 2000 (Resolução nº 014/00) não apenas legitimou o campo, mas estabeleceu diretrizes operacionais. A constatação é que essa resolução formalizou o mandato da Psicologia Hospitalar para além do paciente individual, exigindo a promoção da saúde mental de pacientes, familiares e equipe, e ancorando a prática no trabalho multiprofissional, na autonomia do paciente e no sigilo ético.

Essa regulamentação ética encontra reforço em um desenvolvimento legal posterior. Borges (2021) destaca que a promulgação da Lei nº 10.216/2016 representou um marco normativo. A compreensão é que tal lei solidifica a atuação do psicólogo hospitalar como um agente promotor de um cuidado legalmente orientado por princípios humanizados e por excelência técnica, reforçando a defesa dos direitos dos indivíduos em sofrimento psíquico. Assim, enquanto Gonçalves (2021) estabeleceu os deveres da especialidade, Borges (2021) sublinha a proteção legal dos direitos que o psicólogo deve garantir.

A definição do modelo de prática é corroborada por Gonçalves (2021), que aponta o fundamento do saber biopsicossocial e a promoção de uma atuação interdisciplinar, e Iop (2022), que enfatiza a multidisciplinaridade. A evidência resultante da intersecção desses achados é que o cuidado integral do paciente só é alcançado através de ações que englobam as dimensões preventiva, educativa e de suporte, exigindo a colaboração efetiva entre diferentes campos do conhecimento para a avaliação e ação terapêutica no sofrimento psíquico.

No que tange aos resultados da prática, Iop (2022) complementa o arcabouço teórico ao detalhar o escopo da intervenção psicológica, que se concentra no manejo das emoções intensas como impotência, tristeza, frustração, dor e angústia vivenciadas no contexto hospitalar. A conclusão é que a especialidade se move além da psicopatologia para o gerenciamento das reações afetivas complexas diante do adoecimento e da finitude, tanto em pacientes quanto em familiares.

Finalmente, Iop (2022) traz uma constatação crucial sobre a sustentabilidade do cuidado: a atuação psicológica é vital no suporte à equipe de saúde, auxiliando no enfrentamento ao desgaste emocional e ao estresse decorrente do contato com a morte e o sofrimento.

Esta descoberta relaciona-se diretamente com o requisito de Gonçalves (2021) de promover a saúde mental da equipe, demonstrando que o resultado prático da Psicologia Hospitalar não se restringe às esferas dos pacientes e famílias, mas se estende ao

ambiente profissional, garantindo a saúde mental do grupo e, consequentemente, a manutenção de um cuidado humanizado e de alta qualidade.

Tabela 2: Relação dos autores analisados com os principais resultados no tópico: Psicólogo hospitalar em contexto de cuidados paliativos

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	RESULTADOS
Forte e Achette (2021)	Cuidados Paliativos no século XXI	Analisar o recorte atual do contexto em cuidados paliativos e seus principais aspectos	<ul style="list-style-type: none"> • Evolução dos conceitos em cuidados paliativos • Reconhecimento da dor como experiência subjetiva • Impacto positivo da abordagem precoce • Desafios encontrados na implantação do cuidado centrado na pessoa
Carvalho e Vargas (2022)	Reflexões acerca da psicologia nos cuidados paliativos	Analisar a abordagem e o papel em relação à família do paciente em cuidados paliativos	<ul style="list-style-type: none"> • Importância da família no diagnóstico • Tríade do psicólogo hospitalar: paciente-família-equipe
Sassani e Sanches (2021)	Contribuições do profissional de psicologia para o paciente em cuidados paliativos	Mapear a origem da abordagem integrativa dos cuidados paliativos	<ul style="list-style-type: none"> • Referência do trabalho de Cicely Saunders nos cuidados paliativos • Atendimento integral (Biopsicossocial) • Pouco acesso aos cuidados paliativos por quem se encontra neste contexto

Fonte: De autoria própria (2025)

A evolução conceitual dos Cuidados Paliativos (CP) iniciou-se formalmente no Reino Unido (1960), sob a liderança de Cicely Saunders, integrando assistência, ensino e pesquisa (Sassani e Sanches, 2022). No Brasil, a introdução dos CP, por volta do ano 2000, ocorreu com foco inicial em pacientes oncológicos com prognóstico iminente de morte. Contudo, a referência se expandiu significativamente, pois, atualmente, os CP abrangem qualquer condição evolutiva, crônica e incurável, independentemente do seu estágio (Balbino, 2021). Essa ampliação exige dos profissionais de Psicologia uma adaptação e uma atuação clínica cada vez mais abrangente.

A evolução dos Cuidados Paliativos (CP) transformou-se de uma prática restrita ao final da vida para uma estratégia integrada e precoce iniciada já no diagnóstico de doenças graves. Essa mudança foca na promoção da qualidade de vida e na redução de intervenções invasivas, fundamentando-se no respeito aos valores e na autonomia do paciente. Embora ofereça benefícios comprovados, como maior humanização do cuidado, sua implementação integral exige a reestruturação da formação profissional e supera as persistentes resistências institucionais e obstáculos práticos que dificultam sua aplicação contínua e precoce no sistema de saúde (Forte e Achette, 2021).

Outro conceito importante trazido por Forte e Achette (2021) nesta perspectiva foi o da integração precoce dos CP e seu impacto clínico positivo, pois melhora a qualidade de vida, reduzindo intervenções invasivas e promovendo a

autonomia do paciente. Essa estratégia apontada, alinha o tratamento com os valores e desejos individuais, estabelecendo o paciente como protagonista do cuidado. Entretanto, sua plena implementação pode enfrentar obstáculos institucionais e culturais, notadamente por equipes habituadas ao foco curativo, exigindo mudanças estruturais na política de saúde e na visão de efemeridade, para concretizar ainda mais o potencial humanizador dos Cuidados Paliativos.

A atuação do psicólogo hospitalar no contexto dos Cuidados Paliativos (CP) fundamenta-se na premissa de um atendimento integral ao paciente, englobando as dimensões física, emocional, social e espiritual. Essa abordagem é vista como um campo de atuação interdisciplinar, sendo essencial para promover a qualidade de vida de pacientes com enfermidades graves. O profissional se insere como um componente essencial para o alívio do sofrimento e da dor.

Carvalho e Vargas (2022) afirmam que diante de tantas variáveis trazidas pela enfermidade, o psicólogo se faz mais que necessário durante todo o tratamento, tanto para a criança quanto para a família, que terá sua rotina, sensações e o psicológico totalmente afetados. Portanto, o trabalho do psicólogo em tais casos não só ajuda o paciente a entender e lidar melhor com sua condição, como também auxilia toda a estrutura familiar que o envolve e servirá de alicerce durante esse período.

No âmbito dos Cuidados Paliativos (CP), a preservação da autonomia e da dignidade do

paciente constitui um princípio fundamental de concordância entre os autores analisados. Essa diretriz é inegociável e impõe ao psicólogo a responsabilidade de assegurar o respeito às deliberações do indivíduo, atuando como facilitador para que as escolhas realizadas sejam coerentes com o sistema de valores e o projeto existencial do paciente.

Apesar do conceito de Cuidados Paliativos ser bastante difundido no Brasil, é preciso atentar para a falta de acesso apontada por Sassani e Sanches (2021), que revelam a subutilização crítica desses serviços no país, indicando que apenas 14% das cerca de 40 milhões de pessoas com necessidade anual de CP conseguem acessá-los. Essa discrepância ressalta a urgência de políticas públicas que ampliem a cobertura assistencial e o investimento científico na área.

Em síntese, o papel do psicólogo em CP transcende a gestão da doença, focando na dignidade, autonomia e suporte integral. O profissional deve empregar sua escuta especializada para mediar as complexidades da efemeridade em um contexto de fragilidade, garantindo que a criança e sua família sejam tratadas com afeto, empatia e humanidade até o fim do processo.

Tabela 3: Relação dos autores analisados com os principais resultados no tópico: Atuação do profissional frente aos desafios no contexto oncopediátrico

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	RESULTADOS
Andrade (2023)	Psicologia e Cuidados Paliativos em uma unidade de Terapia Intensiva: Relato de experiência de uma psicóloga residente em atenção ao paciente em estado crítico	Mapear o impacto da hospitalização no contexto emocional da criança e seus desafios	<ul style="list-style-type: none"> ● Explorar a possibilidade de resgatar a rotina pré-doença ● Criança e sua forma de expressar as emoções ● Brincar e o lúdico como ferramenta para criação de vínculos
Lima <i>et al.</i> (2023)	A tríade hospitalar e o diagnóstico de câncer na pediatria oncológica	Identificar as possibilidades de manejo e demais estratégias terapêuticas	<ul style="list-style-type: none"> ● Recursos lúdicos como estratégica terapêutica ● Comunicação como elemento primordial na tríade ● Importância da adaptação dos recursos conforme faixa etária
Guedes <i>et al.</i> (2019)	Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: perspectivas de profissionais de saúde.	Analizar os atravessamentos do processo dos cuidados paliativos para a criança enferma	<ul style="list-style-type: none"> ● Criança enferma e as privações experienciadas ● Impactos emocionais, sociais e cognitivos ● Lúdico como forma genuína e segura de expressão das emoções

Fonte: De Autoria própria (2025)

A intervenção psicológica em Cuidados Paliativos (CP) da Oncopediatria configura-se como uma prática complexa e multifacetada, essencial para aliviar os impactos de ordem emocional, social e cognitiva que o diagnóstico de câncer e as terapias intensivas impõem aos jovens. Carvalho e Vargas (2022) e Lima *et al.* (2023) enfatizam que o objetivo central consiste na preservação da dignidade e da autonomia, garantindo ao paciente e à família um cuidado marcado pelo afeto e pela empatia ao longo de todo o processo.

Nesse sentido, há consenso entre os autores sobre o uso de estratégias adaptadas à infância, sendo o brincar e os recursos lúdicos reconhecidos como ferramentas terapêuticas primárias. Andrade (2022) sustenta que o brincar é essencial para a criação de vínculos, permitindo que a criança expresse e reconstrua sua realidade no setting terapêutico, inclusive mediante o resgate de elementos de sua rotina pré-doença.

Andrade (2022) ainda destaca que o conceito de setting terapêutico (setting) se relaciona com as distintas demandas e contextos do sujeito assistido, sendo sua configuração diversa e indo além do consultório, como prontos-socorros e enfermarias dos espaços hospitalares.

Guedes *et al.* (2019), corroboram em relação ao brincar, recomendando, especificamente, o uso de desenhos, narrativas e jogos simbólicos, que possibilitam à criança manifestar emoções de maneira genuína e segura, abordando o sofrimento psíquico decorrente das

privações de rotina, integridade corporal e perspectiva de futuro.

Contudo, a aplicação dessas técnicas requer uma análise criteriosa da singularidade do paciente, um ponto de reflexão trazido por Bastos (2019) e Lima *et al.* (2023). Bastos (2019) enfatiza a necessidade imperiosa de que o profissional possua o conhecimento sobre a evolução e os diferentes momentos da infância, destacando a importância de reconhecer as etapas pelas quais a criança demonstra a capacidade de verbalizar suas ideias. Lima *et al.* (2023) complementam que os recursos lúdicos devem ser dispostos, não apenas conforme a faixa etária, mas também ajustados à etapa de adoecimento e enfrentamento, de forma a maximizar o entendimento e a comunicação.

Adicionalmente, há consenso no que tange à comunicação como elemento primordial na tríade (equipe, familiares e paciente), uma vez que fortalece a colaboração e é vetor de suporte emocional (Lima *et al.*, 2023). Especificamente para a comunicação de más notícias, o Protocolo SPIKES é pontuado como um recurso técnico valioso e necessário no processo (Gobbi, 2020).

Além disso, o suporte deve ser sistêmico, não se restringe ao paciente; a família é um ponto focal importante do amparo emocional. Silva e Wilvert (2022) indicam que a psico-oncologia deve envolver a análise dos sentimentos vinculados ao diagnóstico e o desenvolvimento de práticas de manejo do estresse psíquico, otimizando a adaptação e a capacidade de recuperação de todo o sistema familiar.

Pacheco e Goldim (2019) identificam desafios substanciais na complexidade intrínseca do adoecimento infantil em CP e a evasão cultural da morte como fatores que intensificam o sofrimento e a sobrecarga emocional inerente aos profissionais, dada a dificuldade em assimilar a perecibilidade junto ao público pediátrico.

Diante disso, a atuação do psicólogo exige metodologias que respeitem a singularidade, utilizando a escuta especializada para mediar as complexidades e garantir que o processo de adoecimento seja acompanhado ativamente. A convergência dos achados reside na imperatividade do cuidado humanizado, na adaptabilidade das técnicas lúdicas, e no acolhimento da equipe médica enquanto seres humanos atravessados pela morte e pelo morrer.

Considerações Finais

As análises do presente estudo confirmam os papéis e a importância do exercício do psicólogo hospitalar no suporte a pacientes, familiares e equipe médica em Cuidados Paliativos (CP) oncopediátricos. A pergunta central da pesquisa: "De que forma a intervenção do psicólogo hospitalar deve se apresentar para oferecer suporte à criança na compreensão de sua doença e finitude, auxiliar a família no enfrentamento do processo de luto e mitigar os impactos emocionais vivenciados pela equipe médica em relação às perdas?", foi respondida através da consolidação de práticas centradas na tríade e alinhadas ao princípio do cuidado integral.

Para o suporte à criança, a intervenção deve se apresentar prioritariamente por meio do uso de recursos lúdicos, como desenhos, jogos simbólicos e narrativas, que servem como ferramentas terapêuticas essenciais para a criação de vínculos e para que a criança manifeste emoções e reconstrua sua realidade de forma segura e inteligível. Tais estratégias devem ser rigorosamente adaptadas à faixa etária e à etapa de adoecimento/enfrentamento, respeitando a capacidade da criança em assimilar e elaborar a transitoriedade, em diferentes momentos da infância.

No auxílio à família, foi possível constatar que a intervenção do psicólogo através da psico-oncologia, deve incluir a análise das emoções vinculadas ao diagnóstico e o desenvolvimento de estratégias para o manejo do estresse psíquico, visando otimizar a adaptação e a capacidade de recuperação de todo o sistema familiar, abrangendo, inclusive, o suporte a irmãos e a elaboração do luto antecipatório. Esse suporte garante que a família seja incluída progressivamente no cuidado.

Para reduzir os impactos emocionais vivenciados pela equipe médica em relação às perdas, a intervenção deve se apresentar na forma de suporte sistêmico. O profissional auxilia no enfrentamento ao desgaste emocional e ao estresse decorrente do contato com a morte e o sofrimento, especialmente frente aos desafios da evasão cultural da morte e da finitude infantil. Além disso, a presença do psicólogo é fundamental para garantir que o cuidado

humanizado seja pautado na preservação da autonomia e dignidade do paciente, um princípio ético inegociável que deve nortear todas as ações interdisciplinares.

A principal contribuição deste estudo reside na articulação detalhada das metodologias de intervenção psicológica para o cenário específico e vulnerável da oncopediatria paliativa. A revisão confirma também a premissa de que a ação do psicólogo, com sua escuta especializada e domínio de protocolos como o SPIKES, é indispensável para garantir uma conduta empática e humanizada. No entanto, a pesquisa encontrou uma limitação metodológica na escassez de materiais nacionais recentes (últimos 5 anos) que abordassem esta intersecção específica, o que aponta para uma lacuna na produção científica brasileira.

Como recomendações para o futuro, além do fomento à pesquisa empírica, a síntese dos resultados destaca a urgência de políticas públicas para enfrentar o reduzido acesso aos Cuidados Paliativos, visto que apenas uma pequena parcela das pessoas que necessitam desses cuidados os recebe. O investimento na expansão da cobertura assistencial e na formação continuada do psicólogo é mandatório para que o cuidado integral e humanizado, possa se consolidar de maneira eficaz no sistema de saúde.

Referências

ANDRADE, Beatriz Orlando Navarro de et al. Psicologia e Cuidados Paliativos em uma Unidade de Terapia Intensiva: relato de experiência de uma psicóloga residente em Atenção ao Paciente em Estado Crítico. 2023.

Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/37371/1/PsicologiaCuidadosPaliativos.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025

ASSIS, Fabiane Espindola de; FIGUEIREDO, Sue Ellen Ferreira Modesto Rey de. A atuação da Psicologia Hospitalar: breve histórico e seu processo de formação no Brasil. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 37, n. 98, p. 501–512, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/26130>. Acesso em: 1 abr. 2025

AZEVEDO, Adriano Valério dos Santos; CREPALDI, Maria Aparecida. A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 33, p. 573-585, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/JHXwcvXNsqNk3f3pfsvyhfP>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BALBINO, Flávia Simphronio. Cuidados paliativos ao recém-nascido pré-termo e à família. Cuidado integral ao recém-nascido pré-termo e à família, p. 288, 2021. Disponível em:
<https://journal.sobep.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Livro-cuidado-SOBEP-2.x66310.x85682.pdf#page=288>. Acesso em 25 abr. 2025.

BASTOS, Ana Clara de Sousa Bittencourt et al. Na iminência da morte: cuidado paliativo e luto antecipatório para crianças/adolescentes e os seus cuidadores. 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30441/1/Tese%20Ana%20Clara%20vers%C3%A3o%20final.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BERNARDES, Isabela A; PEGORARO, Renata F. Irmãos saudáveis de crianças com câncer: revisão integrativa. *Espaço para a Saúde - Revista de Saúde Pública do Paraná*. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/311637246_Irmaos_saudaveis_de_crianca_com_cancer_revisao_integrativa_da_literatura. Acesso em 18 de março 2025.

BORGES, Emilia Moraes de. Psicologia Hospitalar: teoria e prática. *Hospital e saúde mental*. 2019. Disponível em:
<https://repositorio.pgscognac.com.br/bitstream/123456789/43632/1/Emilia%20Moraes%20de%20Borges.pdf>. Acesso em 20 abr. 2025.

- BRANCO, Andréa Batista de Andrade Castelo; SILVA, Juliana de Almeida. Atuação da Psicologia Hospitalar nos Cuidados Paliativos Oncológicos. Mudanças: Psicologia da Saúde, v. 32, n. 1, p. 86-96, 2024. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/1572>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- BRUM, M. V., & AQUINO, G. B. de. (2016). Estudo do impacto do tratamento do câncer infantil nos aspectos emocionais dos cuidadores de crianças com diagnóstico da doença. Revista Científica da FAMINAS, 10(2), 98-117. Disponível em: <http://periodicos.faminas.edu.br/index.php/RCFaminas/article/view/347>. Acesso em 20 de março 2025.
- CAMPOS, C. A. C. A. DE et al. Desafios da comunicação em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal para profissionais e usuários. Saúde em Debate, v. 41, n. spe2, p. 165–174, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sdeb/2017.v41nspe2/165-174/>. Acesso em 27 abr. 2025.
- CARVALHO, Nicole de Oliveira Ornelas; VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares. Reflexões acerca da psicologia nos cuidados paliativos. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 10, p. 451-467, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7034/2761>. Acesso em: 7 abr. 2025.
- CAVALCANTE, Lívia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v26n1/v26n1a06.pdf>. Acesso em 20 de abr 2025.
- FORTE, Daniel N.; ACHEUTE, Daniela. Cuidados paliativos no século XXI. In: Fukumitsu, Karina Okajima (Org.). Vida, morte e luto: Atualidades brasileiras.3^a Ed. São Paulo: Summus, 2021. p. 141-154.
- GOBBI, M. B. Comunicação de más notícias: um olhar da psicologia. Diaphora, v. 9, n. 2, p. 66–69, 2020. Disponível em: <https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/213/199>. Acesso em: 15 Abr. 2025.
- GONÇALVES, Mirian Batista. Psicologia hospitalar: contribuições e desafios no tratamento de pacientes com doenças crônicas. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8513>. Acesso em: 7 abr. 2025.
- GUEDES, Amanda Kamylle Cavalcanti et al. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: perspectivas de profissionais de saúde. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 22, n. 2, p. 128-148, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 de Abril 2025.
- IOP, Luísa Deprá. Interfaces entre cuidados paliativos, psicologia e percepções de uma equipe multiprofissional da hemato-oncologia infanto-juvenil. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/26449>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). INCA estima 704 mil casos de câncer por ano no Brasil até 2025. Brasília, DF: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/canais-de-atendimento/imprensa/releases/2022/inca-estima-704-mil-casos-de-cancer-por-ano-no-brasil-ate-2025>. Acesso em: 10 março 2025.
- LIMA, Carolina Batista Assunção et al. A tríade hospitalar e o diagnóstico de câncer na pediatria oncológica. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 15, n. 10, p. 11007–11024, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/cuadv15n10-057>. Acesso em: 12 jul. 2025.
- MACHADO, G; LANGARO,Fabiola. A atuação de psicólogas hospitalares em cuidados paliativos na oncologia pediátrica. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16617/1/TCC%20II%20vers%C3%A3o%20final%20Gabriela%20RIUNI%20.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- OLIVEIRA, Leidiane Silva de. Câncer infantil: o impacto do diagnóstico para a criança e familiares. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 7, n. 5, p. 635-644, maio 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000300008&lng=pt&nrm=iso.

[rttext & pid=S1516-08582019000300008](#). Acesso em: 22 março 2025

O que é câncer? Disponível em:
<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/o-que-e-cancer/>. Acesso em: 05 setembro 2022.

PACHECO, C. L.; GOLDIM, J. R. Percepções da equipe interdisciplinar sobre cuidados paliativos em oncologia pediátrica. Revista Bioética. 2019; 27 (1): 67–75 [em linha]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/4t93WbLvXBbjNHrxWZjJMnv/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

PROADI. Disponível em:
<https://hospitais.proadi-sus.org.br/noticias/detalhe/proadi-sus-leva-programa-de-cuidados-paliativos-para-o-sistema-unico-de-saude1>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SASSANI, Leila Marieli; SANCHES, Drielle. Contribuições do profissional de psicologia para o paciente em cuidados paliativos. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 26, n. 3, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1399329>. Acesso em 17 abr. 2025.

SILVA, A. P. D.; WILVERT, A. P. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica sob a perspectiva da psicologia hospitalar. Anais de Iniciação Científica, v. 19, n. 19, 12 jul. 2022. Disponível em:<<https://revista.uniandrade.br/index.php/IC/article/view/2512>>. Acesso em: 15 março 2025.

SIMONETTI, A. Manual de psicologia hospitalar o mapa da doença. [s.l.] São Paulo Artesã Editora, 2018.

TEIXEIRA, Paulo Tadeu Ferreira. A psicologia da saúde e hospitalar: reflexões sobre a inserção profissional no hospital um estudo integrativo Health and hospital psychology: reflections on professional insertion in the hospital an integrative study. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 2, p. 8601-8615, 2022. Disponível em:<<https://scholar.archive.org/work/pi5clcoczngfh72msvsiwj5fu/access/wayback/https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/43604/pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2025.